

Universidade Federal do Pará – UFPA
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA
Faculdade de Ciências Contábeis - FACICON
Análise e Demonstrações Contábeis
Prof. Héber Lavor Moreira

Adrienne Brito 08116003801
Marília Nogueira 08116002301

Análise e Demonstrações Contábeis
Companhia Refinadora da Amazônia
C.N.P.J. 83.663.484/0001-86

BELÉM-PA

2011

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
1. ANÁLISE VERTICAL E HORIZONTAL	5
1.1. APLICADA AO BALANÇO PATRIMONIAL	5
1.2. APLICADA À DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO.....	6
2. ÍNDICE DE LIQUIDEZ.....	7
2.1. QUOCIENTE (ÍNDICE) DE LIQUIDEZ CORRENTE (QLC).....	7
2.2. QUOCIENTE (ÍNDICE) DE LIQUIDEZ SECA (QLS).....	8
2.3. QUOCIENTE (ÍNDICE) DE LIQUIDEZ IMEDIATA (QLI)	8
2.4. QUOCIENTE (ÍNDICE) DE LIQUIDEZ GERAL (QLG)	9
2.5. CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO.....	10
3. ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO	10
3.1. QUOCIENTE DE PARTICIPAÇÃO DE CAPITAIS DE TERCEIROS SOBRE RECURSOS TOTAIS (QUANTIDADE).	11
3.2. QUOCIENTE DE COMPOSIÇÃO DA DÍVIDA (QUALIDADE).....	11
3.3. GARANTIA DO CAPITAL PRÓPRIO AO CAPITAL DE TERCEIROS.....	12
3.4. IMOBILIZAÇÃO DO CAPITAL PRÓPRIO	13
3.5. IMOBILIZAÇÃO DO CAPITAL PRÓPRIO SUPLEMENTADO PELOS CAPITAIS DEVIDOS DE LONGO PRAZO.....	13
4. INDICES DE ATIVIDADE.....	14
4.1. ROTAÇÃO DE ESTOQUE	14
4.2. ROTAÇÃO DE ATIVO	15
4.3. PRAZO MÉDIO DE RECEBIMENTO.....	16
4.4. PRAZO MÉDIO DE PAGAMENTO	16
4.5. QUOCIENTE DE POSICIONAMENTO RELATIVO	17
4.6. ROTAÇÃO DE CRÉDITOS E DÉBITOS	18
5. ÍNDICES DE RENTABILIDADE.....	18
5.1 INDICE DE RETORNO SOBRE O INVESTIMENTO (RI).....	19
5.2. TAXA DE RETORNO TOTAL (T)	20
5.2. TAXA DE RETORNO DE TERCEIROS (T)	21
5.2. TAXA DE RETORNO PRÓPRIA (TP)	21
7. FATOR DE INSOLVÊNCIA	22
8. OVERTRADING.....	23
8.1. PROPORCIONALIDADE DO ATIVO	23
8.3. RELAÇÃO ENTRE CAPITAIS PRÓPRIOS E ATIVO TOTAL	24
8.4. CAPITAL DE GIRO PRÓPRIO.....	25
8.5. RELAÇÃO LUCRO LÍQUIDO E VENDAS	26
8.6. RELAÇÃO ESTOQUE E ATIVO CIRCULANTE.....	26
8.7. RELAÇÃO DUPLICATAS A RECEBER E ATIVO CIRCULANTE.....	26
8.8. RELAÇÃO FORNECEDORES E ESTOQUES.....	27
8.10. RELAÇÃO DO AUMENTO ESTOQUES E AUMENTO DO CMV	28

8.11. RELAÇÃO DO AUMENTO DO FATURAMENTO A RECEBER E AUMENTO DAS VENDAS	28
8.12. RELAÇÃO ENTRE VENDAS E CAPITAL DE GIRO	29
9. EBITDA	29
10. CONCLUSÃO	30
11. REFERENCIAS	32
APÊNDICE	33
ANEXO	38

APRESENTAÇÃO

Análise das Demonstrações Contábeis é uma ferramenta que auxilia na avaliação das entidades. Através dela pode-se diagnosticar a situação econômico-financeira das empresas, no sentido de avaliar eventuais problemas, identificando suas causas e propondo soluções viáveis.

Segundo Pereira (2008) a Análise torna-se importante diante do contexto no qual as empresas estão inseridas, onde há um significativo avanço da tecnologia, da informação e da globalização dos negócios, minimizando os riscos inerentes a atividade desenvolvida. Essa análise deverá apresentar enfoque holístico baseado na estratégia, nas decisões de investimentos e de financiamento da entidade. Enfatizando a importância da Contabilidade e da Análise o autor faz a seguinte afirmação: “A Contabilidade é a linguagem dos negócios e os demonstrativos contábeis são os canais de comunicação”.

Os usuários dessas informações, internos (diretores, colaboradores...) ou externos (instituições financeiras, fornecedores, governo...), a utilizam de acordo com seus interesses. Tais informações são importantes não apenas por avaliarem a situação econômico-financeira das empresas e assim por assegurar sua longevidade, mas por garantir a segurança dos negócios entre as empresas, uma vez que se poderá verificar a capacidade de liquidar obrigações.

Para a realização das atividades relativas a disciplina Análise e Demonstrações Contábeis utilizou-se os demonstrativos contábeis publicados pela Companhia Refinadora da Amazônia, C.N.P.J. 83.663.484/0001-86. A Companhia foi fundada em 29 de novembro de 1993, constituiu-se sob a forma de Sociedade Anônima, localizando-se na Rodovia Arthur Bernardes, 5.555, Bairro Tapanã, Belém, Pará.

A atividade principal da companhia é o refino, fracionamento e comercialização de óleos vegetais e derivados; a industrialização e a comercialização de sabões, margarinas, cremes vegetais, óleos comestíveis e gorduras especiais e em geral; a destilação, a industrialização e a comercialização de glicerinas, ésteres metílicos e etílicos e seus derivados em geral.

Seus principais produtos são gorduras para sorvete, para frituras e para biscoito/panificação, além de margarinas e óleos, destinados a grandes consumidores como panificadoras, confeitarias e indústrias de alimentos de modo geral e indústrias cosméticas, situadas no Brasil e em outros países da América Latina.

Diante do objeto social da Companhia Refinadora da Amazônia, seus concorrentes são outras empresas que comercializam óleos e gordura vegetal, como a Dendê do Tauá S/A – Dentauá, Bunge Alimentos S/A e Coamo Agroindustrial Cooperativa.

A partir dos demonstrativos contábeis publicados pela empresa em 2011, fizeram-se as seguintes análises:

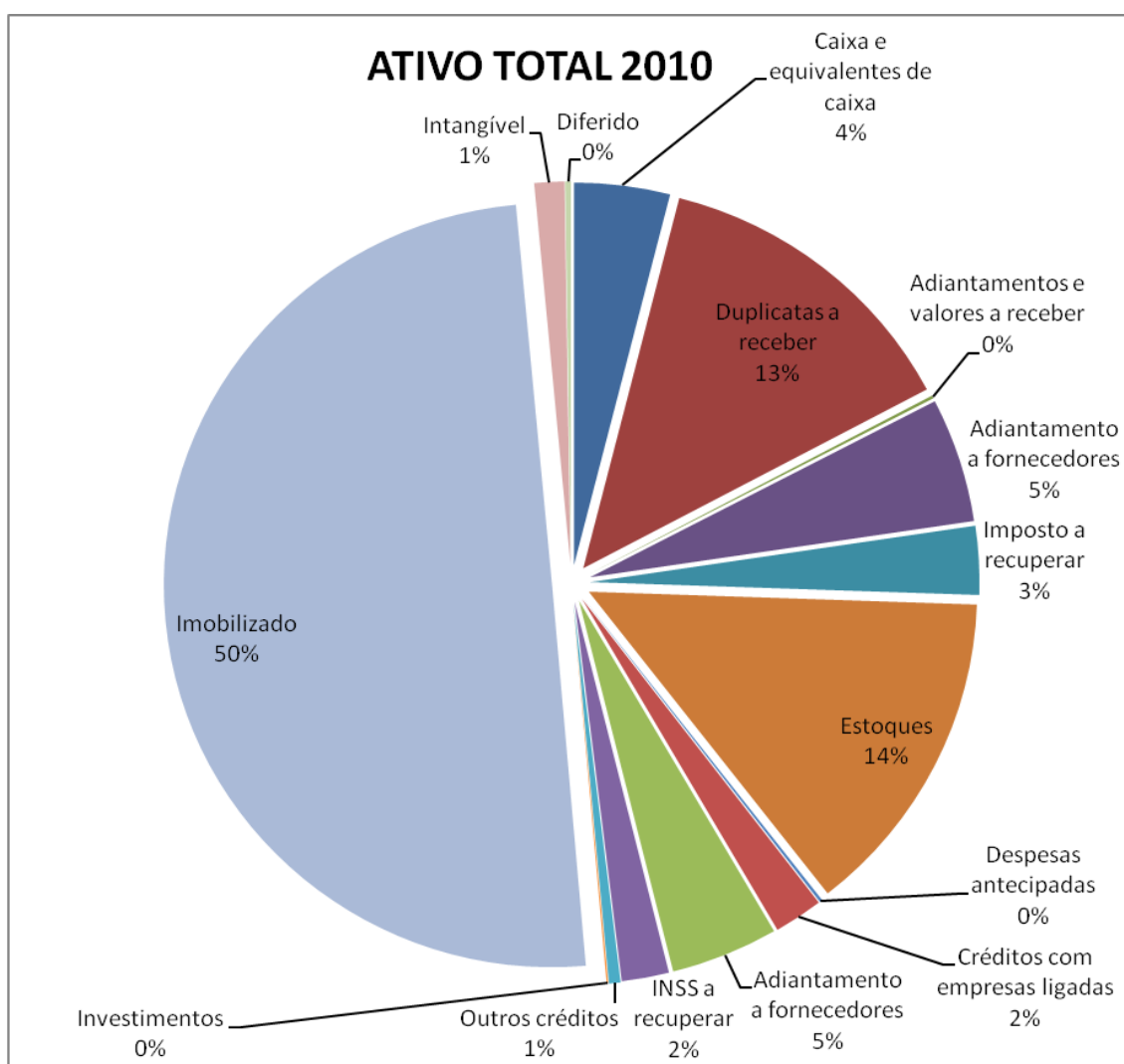
1. ANÁLISE VERTICAL E HORIZONTAL

1.1. APLICADA AO BALANÇO PATRIMONIAL

A análise vertical é usada para informar qual a proporcionalidade de cada conta em relação ao total do ativo e do passivo. Para o caso do Balanço Patrimonial podemos analisar quanto do recurso total são provenientes do capital próprio e do capital de terceiros, portanto demonstra a distribuição de aplicação dos recursos (Ativo).

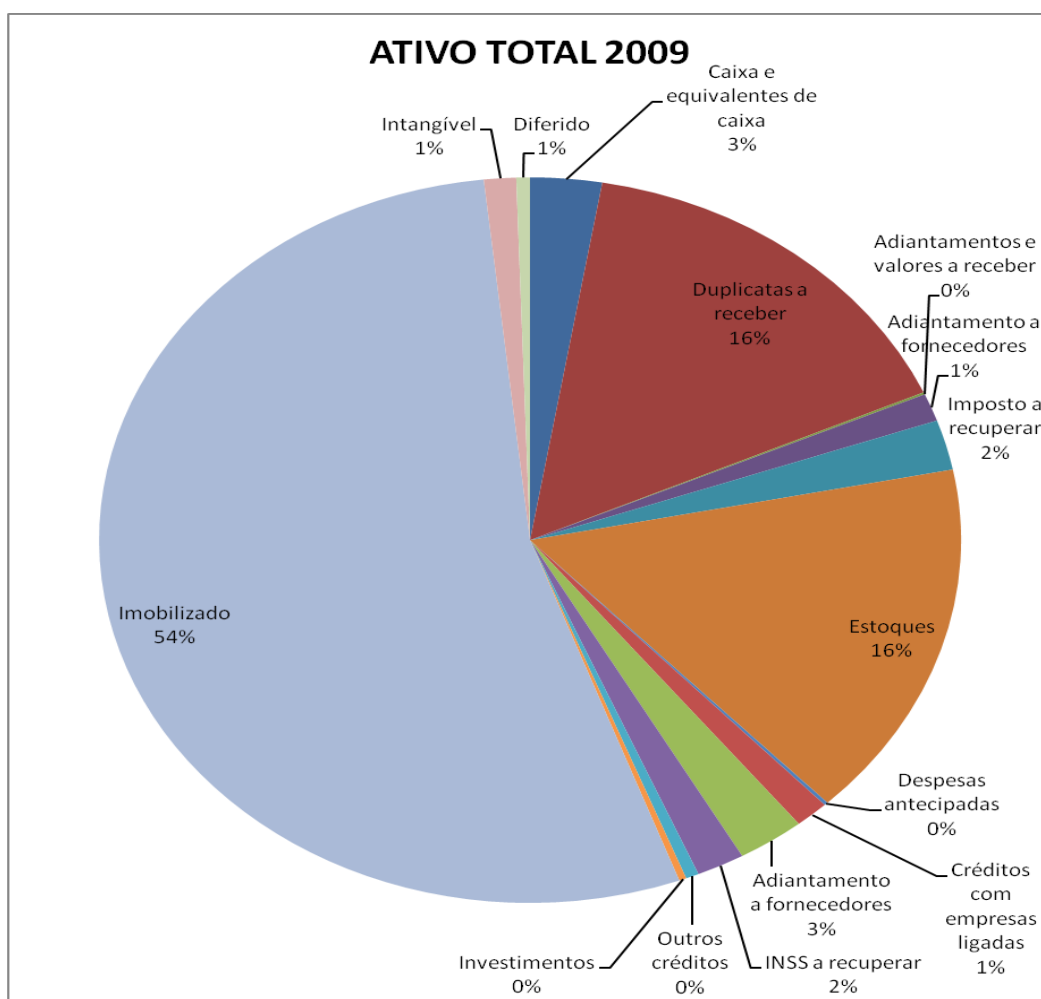
Para o caso da Empresa Companhia Refinadora da Amazônia, verifica-se que tanto no ano de 2009 quanto 2010 o Ativo Circulante apresenta menor destinação dos recursos. Pois, apenas o item Imobilizado registrou em 2010, 49,90% e em 2009, 53,53%. Em 2010 a distribuição em porcentagem do Ativo Total pode ser verificada através deste gráfico: I

Gráfico 1: DISTRIBUIÇÃO DO ATIVO TOTAL – 2010



Já em 2009 podemos observar que a distribuição, em percentuais, do Ativo Total também demonstra uma quantidade maior no Ativo Imobilizado, 53,53%.

GRÁFICO 2: DISTRIBUIÇÃO DO ATIVO TOTAL – 2009



Na comparação dos dois gráficos é possível percebermos que, apesar dos ativos da companhia se concentrarem no Não Circulante há uma tendência de redução contínua deste ativo e proporcionalização ao ativo circulante. Essa tendência é visualizada com mais clareza no quadro Técnicas de Análise, contido no Apêndice.

Neste mesmo quadro, ao observarmos a distribuição das origens (Passivo Circulante e ELP mais o Patrimônio Líquido) da entidade fica nítida a grande participação do capital próprio. Na comparação entre os anos de 2008 à 2009 há uma redução significativa da participação do capital de terceiros na composição das origens do seu capital, que chega a menos de 10% em 2010.

1.2. APLICADA À DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO

A análise vertical aplicada à Demonstração do Resultado do Exercício identifica que durante o ano de 2009 os Custos dos Produtos Vendidos representaram 72,7% da Receita Operacional Líquida, e no ano de 2010 passou a representar 79,6% deste total. Numa visão histórica, apresentada pela análise horizontal, compara-se o desempenho durante o ano de 2010 em relação ao ano de 2009 e o crescimento destes custos corresponde a 11%, enquanto a Receita Operacional Líquida cresceu apenas 1%.

O fato acima exposto contribuiu para uma redução do Lucro Líquido do Exercício de 2010. Propõe-se um estudo dos motivos pelos quais houve um aumento dos Custos dos Produtos Vendidos, a fim de que sejam minimizados os seus impactos sobre os resultados.

2. ÍNDICE DE LIQUIDEZ

Os índices de liquidez visam fornecer um indicador da capacidade da empresa de pagar suas dívidas, a partir da comparação entre os direitos realizáveis e as exibilidades. No geral, a liquidez decorre da capacidade de a empresa ser lucrativa, da administração de seu ciclo financeiro e de suas decisões estratégicas de investimento e financiamentos. (MARION, 2009).

2.1. QUOCIENTE (ÍNDICE) DE LIQUIDEZ CORRENTE (QLC)

O índice de liquidez corrente indica quanto a empresa possui em dinheiro mais bens e direitos realizáveis no curto prazo (próximo exercício) comparando com suas dívidas e serem pagas no mesmo período. A interpretação deste índice é no sentido de que *quanto maior, melhor*. (SILVA, 2008)

$$\text{QLC} = \frac{\text{AC}}{\text{PC}}$$

Sendo: AC – ativo circulante
PC – passivo circulante

Aplicado a Companhia Refinadora da Amazônia com base nos dados de 2008-2010:

$$\text{QLC (2010)} = \frac{\text{AC}}{\text{PC}} = \frac{133.663}{30.185} = 4,43$$

$$\text{QLC (2009)} = \frac{\text{AC}}{\text{PC}} = \frac{122.108}{29.407} = 4,15$$

$$\text{QLC (2008)} = \frac{\text{AC}}{\text{PC}} = \frac{116.446}{33.700} = 3,46$$

Dividindo-se o AC pelo PC, obtêm-se um índice de 4,43; 4,15 e 3,46 nos anos de 2010, 2009 e 2008, respectivamente, o que significa que para cada \$1,00 de dívidas a curto prazo a empresa possui \$3,46 no ano de 2008, passando para \$4,15 em 2009 e \$4,43 em 2010. Esse crescimento gradativo deve-se evolução AC.

De acordo com Silva (2008) há uma ressalva ao índice de liquidez corrente quanto a interpretação dos resultados, o melhor entendimento é de que ILC tem sua validade como instrumento comparativo entre as empresas do mesmo porte, da mesma atividade e da mesma região geográfica, tudo dependerá do tipo de atividade da empresa, especialmente de seu ciclo financeiro.

2.2. QUOCIENTE (ÍNDICE) DE LIQUIDEZ SECA (QLS)

O índice de liquidez seca indica quanto a empresa possui em disponibilidades, aplicações financeiras a curto prazo e duplicatas a receber para fazer face a seu passivo circulante, ou seja, analisa a capacidade da empresa de honrar obrigações em curto prazo excluindo o Estoque, ou seja, é um índice conservador que elimina uma fonte de incertezas. Por meio da fórmula:

$$\text{QLS} = \frac{\text{AC} - \text{ESTOQUES}}{\text{PC}}$$

Exemplo da empresa Companhia Refinadora da Amazônia 2008-2010:

Calculo:

QLS (2010)	=	$\frac{\text{AC} - \text{ESTOQUES}}{\text{PC}}$	=	$\frac{133.663 - 48.172}{30.185}$	=	2,83
QLS (2009)	=	$\frac{\text{AC} - \text{ESTOQUES}}{\text{PC}}$	=	$\frac{122.108 - 42.968}{29.407}$	=	2,69
QLS (2008)	=	$\frac{\text{AC} - \text{ESTOQUES}}{\text{PC}}$	=	$\frac{116.446 - 49.009}{33.700}$	=	2,00

Dividindo-se o AC menos o ESTOQUE pelo PC, obtêm-se um índice de 2,83; 2,69 e 2,00 nos anos de 2010, 2009 e 2008, respectivamente, o que significa que para cada \$1,00 de dívidas a curto prazo a empresa possui \$2,00 no ano de 2008, passando para \$2,69 em 2009 e \$2,83 em 2010. Esse crescimento gradativo deve-se ao ESTOQUE ter uma tendência de redução (98,29% - AH 2010 e 87,67% - AH 2009; Ano base 2008).

Para tanto o índice de liquidez seca, por fim, busca certo aprimoramento em relação ao índice de liquidez corrente, supondo, de certa forma, que o ESTOQUE é necessário a própria atividade da empresa, constituindo-se numa espécie de investimento permanente no ativo circulante. Ao mesmo tempo, exclui os valores considerados mais difíceis de serem realizados. (MARION, 2009).

2.3. QUOCIENTE (ÍNDICE) DE LIQUIDEZ IMEDIATA (QLI)

Este índice mostra o quanto dispomos imediatamente para saldar nossas dívidas de Curto Prazo, pela fórmula:

$$\text{QLI} = \frac{\text{DISPONIBILIDADES}}{\text{PC}}$$

No caso da empresa Companhia Refinadora da Amazônia 2008-2010:

Cálculo:

$$\text{QLI (2010)} = \frac{\text{DISPON.}}{\text{PC}} = \frac{6.584}{30.185} = 0,22$$

$$\text{QLI(2009)} = \frac{\text{DISPON.}}{\text{PC}} = \frac{12.270}{29.407} = 0,42$$

$$\text{QLI(2008)} = \frac{\text{DISPON.}}{\text{PC}} = \frac{3.884}{33.700} = 0,12$$

Ao dividir as disponibilidades pelo PC, obtemos 0,12; 0,42 e 0,22, nos anos e 2008, 2009 e 2010, respectivamente, observamos então que para cada \$1,00 de dívidas a curto prazo temos \$0,22 em disponibilidades. Isso se deve ao declínio na conta CAIXA E EQUIVALENTES DE CAIXA, ao ponto que o PC não manteve este posicionamento.

De acordo com Marion (2009), para efeito de análise, o QLI é um índice sem muito realce, pois relacionamos dinheiro disponível com valores, que vencerão em datas as mais variadas possíveis. Mas sem dúvida, a empresa deverá manter certos limites de segurança, não desejando a análise por índices altos, pois o Caixa e Bancos perdem o poder aquisitivo com a inflação.

2.4. QUOCIENTE (ÍNDICE) DE LIQUIDEZ GERAL (QLG)

O índice de liquidez geral indica quanto a empresa possui em dinheiro, bens e direitos realizáveis a curto e longo prazo, para fazer face às suas dívidas totais. A interpretação deste índice é no sentido de *quanto maior, melhor*.

$$\text{QLG} = \frac{\text{AC}}{\text{PC}} + \frac{\text{RPL}}{\text{ELP}}$$

Sendo: RLP – realizável a longo prazo

ELP – exigível a longo prazo

No caso da empresa Companhia Refinadora da Amazônia 2008-2010:

$$\text{QLG (2010)} = \frac{\text{AC}}{\text{PC}} + \frac{\text{RPL}}{\text{ELP}} = \frac{133.663}{30.185} + \frac{31.161}{353} = 5,40$$

$$\text{QLG (2009)} = \frac{\text{AC}}{\text{PC}} + \frac{\text{RPL}}{\text{ELP}} = \frac{122.108}{29.407} + \frac{27.652}{4.421} = 4,43$$

$$\text{QLG (2008)} = \frac{\text{AC}}{\text{PC}} + \frac{\text{RPL}}{\text{ELP}} = \frac{116.446}{33.700} + \frac{18.626}{16.475} = 2,69$$

Percebe-se que ao dividir o AC e o RLP pelo PC mais o ELP, obtêm – se 5,40; 4,43; 2,69, em 2010, 2009 e 2008, respectivamente, que significa que , para cada \$1,00 de dívidas (curto e longo prazo) a empresa dispõe de \$5,40 em disponibilidades mais direitos a curto e longo prazo. A Cia Refinadora da Amazônia vem apresentando um índice de liquidez geral crescente ao longo dos três anos que estamos analisando em decorrência do crescimento do AC e RLP, da mesma forma em que o PC mantém e o ELP decresce substancialmente.

Ao analisarmos os resultados percebe-se que a empresa vem mantendo uma estrutura operacional favorável, financeiramente falando, uma vez que o indicador é bastante superior a 1 (um). Percebe-se ainda que, houve uma pequena melhora no indicador no período de 2009 à 2010.

2.5. CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO

O indicador Capital Circulante Líquido revela se o capital circulante com o qual a empresa financia o giro de seus negócios é próprio ou é de terceiros a curto prazo. Calcula-se pela diferença entre o ativo e o passivo circulantes.

$$\text{CCL} = \text{AC} - \text{PC}$$

Aplicado à Cia Refinadora:

$$\text{CCL (2010)} = \text{AC} - \text{PC} = 133.663 - 30.185 = 103.478$$

$$\text{CCL (2009)} = \text{AC} - \text{PC} = 122.108 - 29.407 = 92.701$$

$$\text{CCL (2008)} = \text{AC} - \text{PC} = 116.446 - 33.700 = 82.746$$

Essa diferença entre ativo e passivo circulantes, constitui o capital circulante líquido. Nos anos de 2008, 2009 e 2010 o ativo circulante permaneceu maior que o passivo circulante, revelando que o capital circulante é próprio e que a empresa não está financiando o giro de seus negócios exclusivamente com recursos de terceiros a curto prazo.

3. ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO

É por meio desses indicadores que apreciamos o nível de endividamento da empresa. Pressupondo-se que o Ativo (aplicação de recursos) é financiado por Capitais de Terceiros (Passivo Circulante + Exigível a Longo Prazo) e por Capitais Próprios (Patrimônio Líquido). Portanto, Capitais de Terceiros e Capitais Próprios são as fontes (origens) de recursos. (MARION, 2009).

3.1. QUOCIENTE DE PARTICIPAÇÃO DE CAPITAIS DE TERCEIROS SOBRE RECURSOS TOTAIS (Quantidade).

Esse indicador nos informa se a empresa se utiliza mais de recursos de terceiros ou de recursos dos proprietários, isto é, se a quantidade da dívida está entre os níveis: alta, razoável, baixa. (MARION, 2009).

$$\text{QPC3os s/ RT} = \frac{\text{PC +EX. L/P}}{\text{PASSIVO TOTAL}} \times 100$$

Aplicado à Cia Refinadora da Amazônia:

QPC3os s/ RT (2010)	=	$\frac{\text{PC +ELP}}{\text{PASSIVO TOTAL}}$	x	100	=	$\frac{30.538}{316.768}$	x	100	=	9,64%
QPC3os s/ RT (2009)	=	$\frac{\text{PC +ELP}}{\text{PASSIVO TOTAL}}$	x	100	=	$\frac{33.828}{308.496}$	x	100	=	10,97%
QPC3os s/ RT (2008)	=	$\frac{\text{PC +ELP}}{\text{PASSIVO TOTAL}}$	x	100	=	$\frac{50.175}{306.288}$	x	100	=	16,38%

Ao dividir o PC e ELP pelo Passivo Total, obtêm-se 9,64%; 10,97% e 16,38% nos anos de 2010, 2009 e 2008, respectivamente, o que representa que, para cada \$100,00 de capital total, \$9,64, \$10,97 e \$16,38 são financiados pelo capital de terceiros. Isso deve a política de redução da conta FORNECEDORES (Nº de índice 66,72%) que alcançou a maior queda no PC, ao ponto que o PL vem mantendo-se crescente.

3.2. QUOCIENTE DE COMPOSIÇÃO DA DÍVIDA (Qualidade)

Esse indicador nos informa se a empresa opera mais com dívidas a Curto ou a Longo Prazo, portanto, verifica-se a qualidade da dívida na sua composição. A análise poderá ser bastante significativa quando: (MARION, 2009).

- Endividamento a Curto Prazo, normalmente utilizado para financiar o Ativo Circulante - maior concentração neste tipo de endividamento poderá implicar em dificuldades num momento de reversão do mercado;
- Endividamento a Longo Prazo, normalmente utilizado para financiar o Ativo Não Circulante - maior concentração neste tipo de endividamento propiciará à empresa tempo maior para gerar recursos que saldarão os compromissos.

$$\text{QPDiv C/P s/ END. TOTAL} = \frac{\text{PC}}{\text{PC+ELP}} \times 100$$

Companhia Refinadora da Amazônia:

QPDiv C/P s/ END. TOTAL (2010)	=	$\frac{PC}{PC + ELP}$	x	100	=	$\frac{30.185}{30.538}$	x	100	=	98,84%
---------------------------------------	---	-----------------------	---	-----	---	-------------------------	---	-----	---	---------------

QPDiv C/P s/ END. TOTAL (2009)	=	$\frac{PC}{PC + ELP}$	x	100	=	$\frac{29.407}{33.828}$	x	100	=	86,93%
---------------------------------------	---	-----------------------	---	-----	---	-------------------------	---	-----	---	---------------

QPDiv C/P s/ END. TOTAL (2008)	=	$\frac{PC}{PC + ELP}$	x	100	=	$\frac{33.700}{50.175}$	x	100	=	67,16%
---------------------------------------	---	-----------------------	---	-----	---	-------------------------	---	-----	---	---------------

Ao dividir o PC pelo capital de terceiros, obtemos 98,84%; 86,93% e 67,16%; em 2010, 2009 e 2008, respectivamente, o que representa que, para cada \$100,00 de capital de terceiros totais, \$98,84 vencem em curto prazo. Isso deve-se principalmente ao crescente aumento da conta ADIANTAMENTOS DE CLIENTES e OBRIGAÇÕES FISCAIS, em desconformidade ao declínio substancial dos ELP, em especial a conta DÉBITOS COM EMPRESAS LIGADAS que zerou seu saldo no ano de 2010.

3.3. GARANTIA DO CAPITAL PRÓPRIO AO CAPITAL DE TERCEIROS

Neste indicador, o endividamento pode ser medido pelo *Grau da dívida*, que é o capital de terceiros dividido pelo Patrimônio Líquido, ou seja, este indicador possibilita verificar o percentual de dependência da empresa em relação aos recursos totais. (MARION, 2009).

GC3os	=	$\frac{CA}{PL}$	x	100
--------------	---	-----------------	---	-----

Companhia Refinadora da Amazônia:

GC3os (2010)	=	$\frac{CA}{PL}$	x	100	=	$\frac{30.538}{286.230}$	x	100	=	10,67%
---------------------	---	-----------------	---	-----	---	--------------------------	---	-----	---	---------------

GC3os (2009)	=	$\frac{CA}{PL}$	x	100	=	$\frac{33.828}{274.668}$	x	100	=	12,32%
---------------------	---	-----------------	---	-----	---	--------------------------	---	-----	---	---------------

GC3os (2008)	=	$\frac{CA}{PL}$	x	100	=	$\frac{50.175}{256.113}$	x	100	=	19,59%
---------------------	---	-----------------	---	-----	---	--------------------------	---	-----	---	---------------

Dividindo-se o capital de terceiros pelo PL, obtemos 10,67%; 12,32% e 19,59% nos anos de 2010, 2009 e 2008, respectivamente, o que representa que, para cada \$100,00 do PL têm-se \$10,67 de garantia ao capital de terceiros. A garantia ao Capital de Terceiros oferecida pelo Capital Próprio vem decrescendo nos três anos analisados o

que representa uma menor dependência dos capitais próprios perante as dívidas com terceiros.

3.4. IMOBILIZAÇÃO DO CAPITAL PRÓPRIO

O indicador Imobilização do Capital Próprio identifica a o grau de absorção do Patrimônio Líquido pelo Ativo Permanente. O capital próprio – através do Patrimônio Líquido - deve ser plenamente suficiente para o financiamento dos bens e direitos do Ativo Permanente. Do ponto de vista de risco (investimentos com expansão, contratos, os terrenos para construção de fábricas no futuro) a interpretação deste índice é de que *quanto maior, pior*. Calcula-se:

$$\text{ICP} = \frac{\text{AP}}{\text{PL}}$$

Aplicado aos demonstrativos publicados pela empresa Cia Refinadora da Amazônia, obtêm-se os seguintes resultados:

$$\text{ICP (2010)} = \frac{\text{AP}}{\text{PL}} = \frac{151.944}{286.230} = 53,08\%$$

$$\text{ICP (2009)} = \frac{\text{AP}}{\text{PL}} = \frac{158.736}{274.668} = 57,79\%$$

$$\text{ICP (2008)} = \frac{\text{AP}}{\text{PL}} = \frac{171.216}{256.113} = 66,85\%$$

Dividindo o AP pelo PL, obtêm-se 53,08%; 57,79% e 66,85% nos anos de 2010, 2009 e 2008, respectivamente, verifica-se que o grau de imobilização do Capital Próprio é mais de 51% da aplicação do capital próprio, ou seja, para cada \$100,00 de PL, \$ \$53,08 são aplicados no AP em 2010. A empresa nos três anos vem diminuindo este percentual, mas por outro lado o IMOBILIZADO ainda agrega um investimento de 48,34% sobre o Ativo Total tendo em vista que a atividade da empresa está intimamente relacionada aos meios de produção para o beneficiamento de suas matérias-primas.

3.5. IMOBILIZAÇÃO DO CAPITAL PRÓPRIO SUPLEMENTADO PELOS CAPITAIS DEVIDOS DE LONGO PRAZO

Através do índice de Imobilização do Capital Próprio suplementado pelos Capitais Devidos de Longo Prazo examina-se a proporção em que o Ativo Permanente absorve o Patrimônio Líquido mais os recursos de longo prazo, revelando, por exemplo, se a empresa está realizando as imobilizações sendo financiada por recursos de terceiros a Curto Prazo. Calcula-se o indicador da seguinte forma:

$$\text{ICP + DLP} = \frac{\text{AP}}{\text{PL} + \text{ELP}}$$

Aplicado à Cia Refinadora da Amazônia, temos:

ICP + DLP (2010)	=	$\frac{\text{AP}}{\text{PL} + \text{ELP}}$	=	$\frac{151.944}{286.230 + 353}$	=	53,02%
-----------------------------	---	--	---	---------------------------------	---	---------------

ICP + DLP (2009)	=	$\frac{\text{AP}}{\text{PL} + \text{ELP}}$	=	$\frac{158.736}{274.668 + 4421}$	=	56,88%
-----------------------------	---	--	---	----------------------------------	---	---------------

ICP + DLP (2008)	=	$\frac{\text{AP}}{\text{PL} + \text{ELP}}$	=	$\frac{171.216}{256.113 + 16475}$	=	62,81%
-----------------------------	---	--	---	-----------------------------------	---	---------------

O indicador identifica que os recursos permanentes (capital próprio) e semi-permanentes (recursos de terceiros a longo prazo) são suficientes para financiar as imobilizações. Além de evidenciar que as imobilizações não estão sendo financiadas por recursos de terceiros a Curto Prazo, o que caracteriza uma correta utilização dos recursos com os quais opera a Empresa.

Dividindo-se o AP pelo PL mais o ELP, obtemos 53,02%; 56,88% e 62,81%, nos anos de 2010, 2009 e 2008, respectivamente, o que representa que para cada \$100,00 de capital próprio e capital de terceiros a longo prazo, \$53,02 são aplicados no ativo permanente. O que demonstra que o recurso de terceiros a curto prazo está sendo aplicado em percentuais equivalentes aos recursos de longo prazo e de proprietários.

4. INDICES DE ATIVIDADE

Os índices de atividade analisam os conceitos de ciclo operacional, ciclo financeiro, prazos de rotação de estoques, recebimentos das vendas e pagamento das compras, que são operações da empresa que demandam a aplicação de recursos em itens do ativo circulante, como Estoques e Duplicatas a Receber. Por outro lado, as mesmas operações possibilitam a obtenção de recursos provenientes de seus Fornecedores, de tributos e de encargos sociais.

4.1. ROTAÇÃO DE ESTOQUE

Defini-se como prazo médio de rotação dos estoques, o período de tempo em que o produto/mercadoria permanece armazenado até o momento de sua venda. Quanto maior o volume de vendas mais rápida será a rotação dos estoques e em menos tempo o ativo será recuperado. Pelas suas quantidades vendidas podemos identificar, tendo como base dois períodos consecutivos no mínimo e utilizando os cálculos de análise, quantas vezes os estoques se renovaram. (BARROS, 2003):

Calcula-se pela seguinte fórmula:

$$\text{RE} = \frac{\text{CPV}}{\text{EM}}$$

Aplicado aos demonstrativos contábeis da empresa AGROPALMA referentes aos anos 2009 e 2010 obtivemos os seguintes valores:

$$\text{RE (2010)} = \frac{\text{EM}}{\text{CPV}} \times 360 = \frac{45.570}{318.017} \times 360 = 52$$

$$\text{RE (2009)} = \frac{\text{EM}}{\text{CPV}} \times 360 = \frac{45.989}{317.554} \times 360 = 52$$

Ao dividir o EM pelo CPV e multiplicá-lo por 360 (quantidade de dias no ano comercial) podemos verificar que houve uma estagnação do período de renovação de estoque de 52 (2010 e 2009), o que representa um estudo sobre o risco para a atividade da empresa, uma vez que os produtos são perecíveis e, portanto têm um prazo de validade exíguo. A estagnação deste período de tempo pode estar relacionado a fatores como: a diminuição nas vendas, diminuição da produção. Uma vez que a empresa aumentou seus custos dos produtos.

4.2. ROTAÇÃO DE ATIVO

O indicador expressa o número de meses de vendas que seria necessário para cobrir o patrimônio global da empresa, mostra quantas vezes recuperou o valor de seu ativo por meio de vendas em um período de um ano. Calcula-se:

$$\text{RA} = \frac{\text{VENDA}}{\text{AM}}$$

Aplicado à Cia Refinadora da Amazônia, obtemos:

				12	360
RA (2010)	=	$\frac{\text{VENDA}}{\text{AM}} = \frac{385.236}{312.632} = 1,23$		9,74 m	292 d

RA (2009)	=	$\frac{\text{VENDA}}{\text{AM}} = \frac{398.826}{307.392} = 1,30$		9,25 m	277 d
-----------	---	---	--	--------	-------

Dividindo a Receita Líquida de Vendas pelo Ativo Médio, obtêm-se um período de 292, 2010 e 277 dias em 2009 para o Ativo renova-se.

Ao analisarmos o indicador percebe-se que a empresa recupera em pouco menos de um ano (292 dias) o valor médio de seu ativo através das vendas. Relacionando este indicador com a rotação dos estoques, identifica-se que o aumento de

tempo da mercadoria no estoque influencia o prazo de retorno do ativo investido, tornando-o mais longo.

4.3. PRAZO MÉDIO DE RECEBIMENTO

Através deste indicador mede-se o período entre a realização das vendas e o seu respectivo pagamento. Indica quanto tempo em média a empresa deverá esperar para receber as suas vendas. Os prazos concedidos pela empresa para o recebimento das suas vendas são pontos que merecem atenção, pois deverão estar de acordo com os prazos que a mesma possui para honrar suas dívidas, podendo comprometer a sua situação financeira. Portanto, os prazos médios de recebimento das vendas é um indicador do tipo “quanto menor, melhor”. O indicador calcula-se da seguinte forma:

$$\text{PMR} = \frac{\text{DRm}}{\text{VL} + \text{IMP}} \times 360$$

Aplicado aos demonstrativos publicados pela Cia Refinadora da Amazônia, temos:

$$\text{PMR (2010)} = \frac{\text{DRm}}{\text{VL} + \text{IMP}} \times 360 = \frac{45.031}{387.229} \times 360 = 42$$

$$\text{PMR (2009)} = \frac{\text{DRm}}{\text{VL} + \text{IMP}} \times 360 = \frac{44.429}{490.640} \times 360 = 33$$

O indicador identifica-se que a empresa apresenta um período médio de 42 e 33 dias para receber o valor referente às vendas efetuadas, para os anos de 2010 e 2009, respectivamente. Para avaliação da adequação deste período à empresa, confrontá-lo-emos com o próximo indicador: prazo médio de pagamento.

4.4. PRAZO MÉDIO DE PAGAMENTO

O indicador prazo médio de pagamento evidencia o período compreendido entre o momento em que foram efetuadas as compras pela empresa e o momento de seu pagamento, portanto “quanto maior, melhor”. Este indicador aliado ao prazo médio de pagamento poderá assegurar o equilíbrio entre recebimentos e os pagamentos a serem efetuados pela empresa.

Calcula-se:

$$\text{PMP (2010)} = \frac{\text{FORm}}{\text{Compras}} \times 360$$

Aplicado à Cia Refinadora da Amazônia, obtemos:

$$\text{PMP(2010)} = \frac{\text{FORm}}{\text{Compras}} \times 360 = \frac{11.740}{323.276} \times 360 = 13 \text{ d}$$

PMP(2009)	=	$\frac{\text{FORm}}{\text{Compras}}$	=	$\frac{12.364}{311.513}$	=	$\frac{12.364}{865}$	=	14 d
		$\frac{360}{360}$						

Através do indicador identifica-se que o prazo médio para os pagamentos a serem efetuados pela empresa é de 14 dias. Ao compararmos este período com o prazo para recebimentos (32 dias), percebe-se que há um desequilíbrio entre os prazos das contas a pagar e a receber. A empresa deverá reavaliar os prazos para pagamento concedidos aos seus clientes e os das dívidas assumidas.

4.5. QUOCIENTE DE POSICIONAMENTO RELATIVO

O quociente de posicionamento relativo confronta os indicadores de prazo médio para pagamento e recebimentos, evidenciando se estão ou não equiparados. Calcula-se da seguinte forma:

QPR	=	$\frac{\text{PMR}}{\text{PMP}}$
------------	---	---------------------------------

O ideal é que o resultado do quociente seja inferior a um, ou seja, que o prazo para recebimento seja inferior ao prazo para pagamento. Aplicado à Companhia Refinadora da Amazônia, temos:

QPR (2010)	=	$\frac{\text{PMR}}{\text{PMP}}$	=	$\frac{42}{13}$	=	3
-------------------	---	---------------------------------	---	-----------------	---	----------

QPR (2009)	=	$\frac{\text{PMR}}{\text{PMP}}$	=	$\frac{33}{14}$	=	2
-------------------	---	---------------------------------	---	-----------------	---	----------

O resultado, superior a um, identifica que há um grande desequilíbrio entre os prazos concedidos pela empresa (recebimento de clientes) e os assumidos por ela (pagamentos à fornecedores). A inobservância destes prazos poderá comprometer a situação financeira da empresa, levando-a a um possível endividamento. Portanto, deverá reavaliar tais prazos de forma a assegurar que terá meios de cumprir os compromissos assumidos no prazo estipulado.

Observa-se pela divisão do prazo médio de recebimento pelo prazo médio de pagamento que a empresa está numa situação desfavorável, uma vez que alcançou índice 3, 2010 e 2 no ano de 2009. Devido ao aumento no prazo de recebimento de sua vendas.

4.6. ROTAÇÃO DE CRÉDITOS E DÉBITOS

O indicador Rotação de Créditos objetiva averiguar quantas vezes os créditos foram renovados no período considerado. Enquanto o indicador de Rotação de Débitos objetiva examinar o número de vezes em que os débitos assumidos com os fornecedores de matérias primas, produtos ou mercadorias, foram renovados no período. Para assegurar a posição financeira da empresa, o prazo médio de recebimentos das contas deverá ser o menor possível em relação ao prazo médio de pagamento. Portanto o indicador Rotação de Créditos deverá ser inferior ao indicador Rotação de Débitos. Calculam-se:

$$RC = \frac{DR}{DRm}$$

$$RD = \frac{FOR}{FORm}$$

Ao aplicarmos aos demonstrativos publicados pela Cia Refinadora da Amazônia, obtemos:

$$RC(2010) = \frac{DR}{DRm} = \frac{49.096}{45.031} = 1,09$$

$$RD(2010) = \frac{FOR}{FORm} = \frac{9.396}{11.740} = 0,80$$

$$RC(2009) = \frac{DR}{DRm} = \frac{40.965}{44.429} = 0,92$$

$$RD(2009) = \frac{FOR}{FORm} = \frac{14083}{12.364} = 1,14$$

Verifica-se que em 2010 o indicador Rotação de Crédito é superior ao indicador Rotação de Débitos, porém em 2009 torna-se inferior ao indicador de Rotação de Débitos. Portanto, a política financeira da cia deve ser reavaliada a fim de reduzir ao máximo o prazo médio de recebimento das contas a receber derivadas de financiamentos de vendas, e aumentar o mais que possível o grau de rotação das contas a receber, assegurando dessa forma a sua posição financeira.

5. ÍNDICES DE RENTABILIDADE

A rentabilidade é o oxigênio da pessoa jurídica, uma vez que é através dela que o lucro é o objetivo maior do empresário, é a razão pela qual ele inicia um empreendimento negócio será mantido e expandido. Os índices de rentabilidade medem o quanto uma empresa está sendo lucrativa ou não. O seu conceito analítico é, quanto

maior melhor. Segundo Iudícibus (1995) o índice de rentabilidade deve ser analisado junto a outros indicadores, uma vez que a análise isolada teria pouca utilidade informativa.

5.1 INDICE DE RETORNO SOBRE O INVESTIMENTO (RI)

O indicador retorno sobre o investimento representa uma grande importância dentre os indicadores de análise de demonstrativos, mensurando a geração de recursos a partir relação ativo-lucro. Calculando-se da seguinte forma:

$$\text{RI} = \frac{\text{LL}}{\text{VL}} \times \frac{\text{VL}}{\text{AM}} \times 100 = x \%$$

Ou

$$\text{RI} = \text{MARGEM} \times \text{GIRO/ROTAÇÃO}$$

Aplicando o indicador aos demonstrativos publicados pela AGROPALMA, obtivemos os resultados:

Isso pode ser visualizado através do cálculo da Margem, a seguir:

$$\text{Margem} = \frac{\text{LL}}{\text{VL}} \times 100 = x \%$$

Aplicado a Cia Refinadora da Amazônia:

$$\text{Margem (2010)} = \frac{11.021}{385.263} \times 100 = 2,86\%$$

$$\text{Margem (2009)} = \frac{13.189}{398.826} \times 100 = 3,31\%$$

Ao dividir o lucro líquido pela receita líquida de vendas, podemos identificar a Margem Líquida em 2010; 2,86 e em 2009 de 3,31. Isso significa que a empresa não manteve uma lucratividade sobre as vendas líquidas baseado nos valores de 2009. Pois houve uma queda tanto nos valores de do lucro líquido como nos das vendas.

De posse dos valores já apresentados pela Rotação de Ativos (índice de atividade), 1,23; 2010 e 1,30 no ano de 2009 verifica-se então o Retorno sobre o Investimento.

$$\text{RI (2010)} = 2,86 \times 1,23 = 3,53\%$$

$$\text{RI (2009)} = 3,31 \times 1,30 = 4,29\%$$

Ao analisarmos os indicadores nos anos de 2009 (3,53%) e 2010 (4,29%), percebe-se que houve um decréscimo significativo do retorno. O lucro líquido auferido no ano de 2010 foi um fator preponderante para o desempenho.

5.2. TAXA DE RETORNO TOTAL (T)

A Taxa de Retorno Total evidencia o percentual de Lucro advindo das operações do exercício, sem a incidência de Tributos, ou seja, verificamos o retorno do investimento pelo lucro do período sem deduzir o Imposto de Renda e Contribuição Social. A partir deste cálculo podemos verificar quanto de retorno a empresa obteve somente com as atividades da empresa, diferenciando-se do Índice de Retorno Sobre o Investimento.

A Taxa de Retorno Total (T) é calculada pela fórmula a seguir:

$$T = \frac{\text{LAJI}}{\text{VL}} \times \frac{\text{VL}}{\text{CPT}} \times 100 = X$$

Onde:

LAJI: Lucro Antes dos Juros e Impostos

CPT: Capital Produtivo Total

VL: Receita de Vendas Líquidas

E encontra-se o valor do Capital Produtivo Total por:

$$\text{CPT} = \text{CAPITAL TOTAL} - \text{APLICAÇÕES EXTERNAS}$$

Aplicando-se a empresa Cia Refinadora da Amazônia, temos:

$$T(2010) = \frac{12.722}{385.236} \times \frac{385.236}{316.739} \times 100 = 4,02\%$$

$$T(2009) = \frac{18.595}{398.826} \times \frac{398.826}{308.276} \times 100 = 6,03\%$$

Podemos verificar que houve um decréscimo, pois em 2009 o índice - 6,04% e em 2010 - 4,02%, isso significa que para cada \$100,00 do capital produtivo total, \$4,02 é o lucro advindo da atividade operacional em 2010, enquanto que em 2009 foi \$6,03.

Isso se deve a diminuição mais relevante na Receita Líquida de Vendas, 2009 – R\$398.826, e 2010 - R\$ 385.236 e no Item Lucro antes do IR e CS, 2009 – R\$ 18.595, e 2010 - R\$12.722 de um ano para o outro. Desta forma verifica-se que a empresa necessitaria rever suas políticas de venda dos produtos e os custos para a sua produção, mesmo como aumento do Capital Produtivo Total, em 2009 – R\$ 308.276 e 2010 – R\$316.739.

5.2. TAXA DE RETORNO DE TERCEIROS (t)

A Taxa de Retorno de Terceiros verifica o percentual de realizado pelo Capital de Terceiros através de Despesas Financeiras, ou seja, quanto de capital alheio é remunerado através das taxas de juros dos empréstimos e financiamentos sendo a empresa obrigada a pagar os juros antes de pagar os dividendos. Calcula-se pela seguinte fórmula:

$$T = \frac{\text{Juros (Despesas Financeiras)}}{\text{Capital de terceiros (Fontes Financeiras)}} \times 100 = x\%$$

Aplicado a empresa Cia Refinadora da Amazônia:

$$t (2010) = \frac{\text{Juros (Despesas Financeiras)}}{\text{Capital de terceiros (Fontes Financeiras)}} \times 100 = \frac{601,00}{30.185,00} = 1,99\%$$

$$t (2009) = \frac{\text{Juros (Despesas Financeiras)}}{\text{Capital de terceiros (Fontes Financeiras)}} \times 100 = \frac{377,00}{29.407,00} = 1,28\%$$

Dividindo as despesas financeiras pelo capital de terceiros, obtêm-se 1,99% em 2010 e 1,28% em 2009, isso significa que para cada \$100,00 de capital de terceiros, \$1,99 são para pagar as despesas financeiras do período de 2010 e \$1,28 em 2009. Podemos verificar de 2009 para 2010 que esta taxa é apresentou um aumento neste retorno a terceiros. Isto se deve ao aumento das despesas financeiras e à diminuição no item INVESTIMENTO (de \$220, 2009 para \$29 em 2010), poderia significar que a empresa obteve uma maior independência em relação ao capital externo.

5.2. TAXA DE RETORNO PRÓPRIA (tp)

Esta Taxa evidencia a porcentagem de retorno sobre o Capital Próprio a partir do Lucro obtido no exercício. Portanto quanto os acionistas ou sócios recebem de retorno por capital aplicado na empresa.

Calcula-se pela fórmula:

$$tp = \frac{\text{Lucro Próprio}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100 = x\%$$

No caso da AGROPALMA:

tp (2010)	=	$\frac{\text{Lucro Próprio}}{\text{Patrimônio Líquido}}$	x	100	=	$\frac{11.021}{286.23}$	x	100	=	3,85%
-----------	---	--	---	-----	---	-------------------------	---	-----	---	--------------

tp (2009)	=	$\frac{\text{Lucro Próprio}}{\text{Patrimônio Líquido}}$	x	100	=	$\frac{13.189}{274.668}$	x	100	=	4,80%
-----------	---	--	---	-----	---	--------------------------	---	-----	---	--------------

Dividindo o Lucro Líquido pelo Patrimônio Líquido, obtêm-se 3,85% em 2010 e 4,80% em 2009, que representa que, para cada \$100,00 de PL, \$3,85 são advindos do LL em 2010. Isto significa que o retorno do investimento aos proprietários vem decrescendo em virtude da diminuição do Lucro Líquido do período de 2010; \$11.021 e 2009; \$13.189.

7. FATOR DE INSOLVÊNCIA

O Fator de Insolvência é calculado com base no Modelo Kanitz, que prevê falências nas empresas por meio de tratamento financeiro estatísticos de índices financeiros. Neste calculo são agregados outros índices julgados importantes para analisar a situação financeira da empresa, como por exemplo, o Índice de Liquidez, a Peso Estatístico previamente estipulados.

O cálculo se dar da seguinte forma:

FI	=	$X1 + X2 + X3 - X4 - X5$
----	---	--------------------------

Onde:

$$X1 = (\text{Lucro Líquido} / \text{Patrimônio Líquido}) \times 0,05$$

$$X2 = \text{Liquidez Geral} \times 1,65$$

$$X3 = \text{Liquidez Seca} \times 3,55$$

$$X4 = \text{Liquidez Corrente} \times 1,65$$

$$X5 = (\text{Exigível Total} / \text{Patrimônio Líquido}) \times 0,33$$

O resultado obtido a partir deste cálculo poderá, de acordo com o Termômetro de Insolvência, ser classificado por três formas: Insolvência, Penumbra e Solvência.

Para valores menores que - 3, temos a situação de Insolvência, pois a empresa encontra-se em uma situação ruim ou “insolvente”; o intervalo de -3 a 0, temos Penumbra, ou seja, a empresa encontra-se em uma situação de “desconforto” pois apresenta alguns riscos que precisam de mais atenção. E finalmente, os valores positivos, a situação de Solvência, que indica que a empresa está em uma situação estável.

Aplicado a empresa AGROPALMA:

TERMÔMETRO		2010	2009
$X1 = LL / PL$	x 0,05	0,0019	0,0024
$X2 = AC+RLP / PC+ELP$	x 1,65	8,91	7,30
$X3 = AC - EST. / PC$	x 3,55	10,05	9,55
$X4 = AC / PC$	x 1,06	4,69	4,40
$X5 = ET / PL$	x 0,33	0,04	0,04
FI = X1 + X2 + X3 - X4 - X5		14,23	12,42

Ao analisarmos os resultados, anos 2009 e 2010, percebe-se que a empresa encontra-se em estado de Solvência, ou seja, a empresa está menos propensa a entrar em um estado de falência. No ano de 2010 houve uma melhora deste fator em relação ao ano anterior, 12,42 para 14,23. Essa melhora deve-se ao aumento nos índices de liquidez geral, corrente e seca, o que representa a eficácia da gestão na política de recebimentos e obrigações assumidas pela empresa.

8. OVERTRADING

Dentro do contexto empresarial, as entidades estão sujeitas a situações que a conduzem a um desequilíbrio financeiro – conhecido como Overtrading – que poderá levá-la a um processo de falência quando não suplantado. Cabe ao administrador identificar, de forma tempestiva, os fatores que contribuem para este desequilíbrio, a fim de tratá-los adequadamente.

É possível identificar a situação operacional-financeira das entidades a partir dos seus demonstrativos ao aplicar sobre estes determinados índices capazes de expressar a proporcionalidade entre o volume de operações e o capital de giro.

8.1. PROPORCIONALIDADE DO ATIVO

Através da relação entre o Ativo Total e os Ativos Circulante e Não-Circulante é possível analisar a proporcionalidade entre estes elementos do Balanço Patrimonial, de forma a observar se há uma tendência em imobilização do ativo, o que poderá dificultar a expansão operacional da entidade.

Aplicado aos demonstrativos publicados pela Cia Refinadora da Amazônia obtemos os seguintes resultados:

Relação Ativo Não-Circulante e Ativo Total

Ano	Ativo Não-	Ativo Total	Ativo Não
-----	------------	-------------	-----------

	Circulante		Circulante / Ativo Total
2010	183.105	316.768	58%
2009	186.388	308.496	60%
2008	189.842	306.288	62%

Relação Ativo Circulante e Ativo Total

Ano	Ativo Circulante	Ativo Total	Ativo Circulante / Ativo Total
2010	133.663	316.768	42%
2009	122.108	308.496	40%
2008	116.446	306.288	38%

Ao analisarmos os resultados percebe-se que há uma tendência de circularização do ativo da entidade, pois houve uma redução sistemática dos ativos classificados como Não Circulantes, que representou 62% do Ativo Total no ano de 2008, e, já em 2010, representou apenas 58% deste total.

Esse resultado enfatiza a decisão da Companhia em direcionar os seus valores aos ativos conversíveis em numerário com mais rapidez, conforme complementa a relação entre o Ativo Circulante e o Ativo Total. No período de 2008 à 2010, registra-se um crescimento ordenado dos ativos circulantes em proporção ao ativo total, facilitando assim o giro do negócio, uma vez que a sua operação (atividade-fim) está diretamente relacionada a esses elementos do Ativo, como os estoques.

Essa realidade conduz a entidade a uma situação de equilíbrio financeiro, o que contribui para a sua expansão operacional.

8.3. RELAÇÃO ENTRE CAPITAIS PRÓPRIOS E ATIVO TOTAL

A relação entre os Capitais Próprios e o Ativo Total expressará a proporcionalidade entre estes elementos e evidenciará o grau de endividamento do seu ativo, o que poderá interferir na autonomia financeira da entidade.

Aplicado à Cia Refinadora da Amazônia, temos:

Ano	Capital Próprio	Ativo Total	Capital Próprio / Ativo Total
2010	286.230	316.768	90%
2009	274.668	308.496	89%
2008	256.113	306.288	84%

Ao analisarmos esta relação percebe-se que grande parte do ativo da Companhia é financiado por recursos próprios. No período de 2008 à 2010 houve um aumento significativo dessa participação do capital próprio, registrando um total de 90% no último demonstrativo publicado pela entidade.

Este resultado representa que a empresa possui autonomia financeira, devido a pouca interferência do capital de terceiros, o que contribui para a redução da possibilidade de posteriores desequilíbrios.

8.4. CAPITAL DE GIRO PRÓPRIO

Este capital pode ser calculado de duas formas. Na primeira, obtém-se o valor a partir da diferença entre o capital próprio da entidade e o ativo Não Circulante, este saldo será justamente a parte do meu capital destinada ao ativo circulante para o giro do negócio. Aplicado a Cia Refinadora da Amazônia, tem-se:

Ano	Patrimônio Líquido	Ativo Não Circulante	CGP
2010	286.230	183.105	103.125
2009	274.668	186.388	88.280
2008	256.113	189.842	66.271

O resultado obtido revela que, em conformidade aos indicadores anteriores (Proporcionalidade do Ativo e Relação entre os Capitais Próprios e o Ativo Total), no período de 2008 à 2010 houve um crescimento expressivo da parte do capital próprio destinado ao giro das operações da Companhia, evidenciados através do Ativo Circulante.

Na segunda forma de calcular o Capital de Giro Próprio é possível avaliar a proporcionalidade entre as obrigações da entidade perante terceiros e o ativo circulante, evidenciando a participação do capital de terceiros nesta parte do Ativo destinada ao giro das suas operações.

Aplicado à Cia Refinadora da Amazônia, obtém-se:

Ano	Passivo Total	Ativo Circulante	Passivo Total / Ativo Circulante
2010	30.538	133.663	23%
2009	33.828	122.108	28%
2008	50.175	116.446	43%

Percebe-se que há pouca participação do capital de terceiros no financiamento do capital do Ativo Circulante. Houve uma redução significativa dessa participação no ano de 2010 em relação a 2008, de 43 para 23%.

Essa redução representa que a empresa tem conseguido minimizar a participação do capital de terceiros no financiamento do ativo destinado ao giro das suas atividades, assegurando assim a suficiência deste capital.

8.5. RELAÇÃO LUCRO LÍQUIDO E VENDAS

Através da relação entre o lucro líquido e auferido e as vendas realizadas em um determinado período, obtém-se o percentual do montante obtido pela entidade por meio de suas operações após a exclusão dos custos e demais despesas incorridas. Ao aplicarmos esta relação aos demonstrativos publicados pela Cia Refinadora da Amazônia, obtivemos o seguinte percentual:

Ano	Lucro Líquido	Vendas	Lucro Líquido / Vendas
2010	11.021	476.340	2%
2009	13.189	492.516	3%

A partir dele pode-se avaliar houve uma pequena redução do Lucro Líquido auferido em relação ao total obtido através das vendas. Este resultado evidencia que grande parte da Receita proveniente das Vendas tem sido consumida pelos custos e despesas do período, o que reduz incisivamente o seu nível de Lucro.

8.6. RELAÇÃO ESTOQUE E ATIVO CIRCULANTE

Esta relação irá informar o nível de aplicação dos Estoques em proporção aos recursos do Ativo Circulante. De posse dos dados das Demonstrações da Cia Refinadora da Amazônia, temos:

Ano	Estoque	Ativo Circulante	Estoque / Ativo Circulante
2010	48.172	133.663	36%
2009	42.968	122.108	35%
2008	49.009	116.446	42%

Verifica-se que no decorrer dos anos de 2008, 2009 e 2010, houve uma tendência contínua de redução dos itens do Estoque, que representou 42% do Ativo Circulante em 2008 e, já em 2010, passou a representar apenas 36% deste total. A partir disto pode-se verificar que a empresa optou por políticas que possibilitaram a diminuição dos excessos de Estoques em seu Ativo, evitando que esta parcela do patrimônio fique ociosa, atrofiada.

A inexistência de excessos de Estoque no Ativo proporciona tranquilidade econômico-financeira à entidade. Para Moreira (2002), “o desequilíbrio econômico-financeiro pode caracterizar-se por excessivo nível de estoques não absorvidos pelo nível de vendas. A crescente participação dos estoques no Ativo Circulante poderá ser fator de desequilíbrio”.

8.7. RELAÇÃO DUPLICATAS A RECEBER E ATIVO CIRCULANTE

Nesta relação é indicada a porcentagem do Faturamento a ser recebido em relação ao Ativo Circulante.

Com base nos dados da Cia Refinadora da Amazônia, verifica-se que:

Ano	Duplicatas a Receber	Ativo Circulante	Duplicatas a Receber / Ativo Circulante
2010	49.096	133.663	37%
2009	40.965	122.108	34%
2008	47.892	116.446	41%

Em 2008 a porcentagem de Duplicatas a Receber era 41%, e em 2010 passou a 37% em relação ao Ativo Circulante. Podemos assim verificar que o numerário significativo nesta conta pode influenciar em indisposição de capital para o atendimento tempestivo das obrigações perante terceiros, uma vez que, de acordo com quociente de posicionamento relativo o prazo para recebimento é três vezes maior que o prazo para pagamento das obrigações assumidas perante terceiros, o que poderá, portanto, contribuir para um desequilíbrio operacional-financeiro.

8.8. RELAÇÃO FORNECEDORES E ESTOQUES

Nesta relação, será indicada a quantidade, em porcentagem, referente ao pagamento de Fornecedores pela expectativa de retorno pelos Estoques. Ou seja, quanto da parcela dos Estoques ainda a pagar aos Fornecedores.

Aplicada a Cia Refinadora da Amazônia, temos os seguintes resultados.

Ano	Fornecedores	Estoque	Fornecedores / Estoque
2010	9.396	48.172	20%
2009	14.083	42.968	33%
2008	10.645	49.009	22%

Através do indicador é possível identificar a pouca participação do capital de terceiros no financiamento dos estoques. Este valor manteve certa regularidade no período de 2008 a 2010, registrando o menor percentual em 2010 com 20% do estoque total. Assim verifica-se que a Companhia adota uma política que favorece o financiamento do Estoque pelo capital próprio. Em virtude de não admitir uma relação superior a 75%.

8.9. RELAÇÃO DO AUMENTO DO CAPITAL ALHEIO DE COMPRAS A PRAZO E AUMENTO DAS VENDAS

Na relação entre o aumento do capital alheio de compras a prazo e o aumento das vendas é possível avaliarmos a participação do capital de terceiros no financiamento das compras realizadas a prazo e no aumento das vendas, evidenciando se este aumento foi estimulado pelo capital alheio. Ao aplicamos a Cia Refinadora, temos:

Ano	+ Cap. Alheio de C/P (20X1 - 20X0)	+ Vendas (20X1 - 20X0)	+ Cap. Alheio de C/P / + Vendas
-----	------------------------------------	------------------------	---------------------------------

2010	-	4.687,00	-	13.590,00	34%
-------------	---	----------	---	-----------	-----

Diante dos valores negativos percebe-se que não houve aumento do Capital de Terceiros e das Vendas, e sim um decréscimo nesta operação. Apesar do não crescimento observa-se a participação do capital alheio na redução das Vendas não é tão significativa, o que no permite afirmar que a interferência do capital alheio não é tão decisiva na alteração das vendas.

8.10. RELAÇÃO DO AUMENTO ESTOQUES E AUMENTO DO CMV

Através a relação realizada a partir do aumento dos estoque e custo dos produtos vendidos em determinado espaço de tempo é possível ponderarmos se crescimento dessas grandezas foi proporcional. Aplicado a Cia Refinadora da Amazônia, verifica-se:

Ano	+ Estoques (2010 - 2009)	+ CMV (2010 - 2009)	+ Estoques / + CMV
2010	5.204,00	518,00	10,05

Ao analisarmos o seguinte resultado observa-se que o aumento do saldo dos estoques foi dez vezes maior que o crescimento do CMV do período. Esta situação pode ser identificada com mais clareza através da análise dos números de índice contido na análise horizontal, evidenciado o crescimento de 12% dos estoques enquanto o CMV se manteve estável.

8.11. RELAÇÃO DO AUMENTO DO FATURAMENTO A RECEBER E AUMENTO DAS VENDAS

Na relação aumento do faturamento a receber e aumento das vendas calcula-se a proporção do crescimento dessas variáveis. O que nos possibilita avaliar se a entidade tem optado por flexibilizar o prazo para pagamento em conformidade ao aumento das suas vendas. Aplicada a Cia Refinadora da Amazônia, temos o seguinte resultados.

Ano	+ Fatur. a Receber (2010 - 2009)	+ Vendas (2010 - 2009)	+ Faturamento a Receber/ + Vendas
2010	8.131,00	- 13.590,00	-0,60

A partir do resultado pode-se perceber que o crescimento do faturamento a receber foi muito alto em relação ao crescimento das vendas no período, que inclusive registrou queda no período. O indicador evidencia uma ocorrência que precisa de atenção pela companhia, pois o crescimento desproporcional do faturamento destinado a um recebimento futuro poderá comprometer a capacidade da empresa em atender suas obrigações, reduzindo a sua liquidez.

A complementação desta desconformidade pode ser percebida na análise dos indicadores de atividade por meio do quociente de posicionamento relativo, que evidencia a desproporcionalidade entre os prazos estipulados para recebimento de direitos e cumprimento de obrigações assumidas.

8.12. RELAÇÃO ENTRE VENDAS E CAPITAL DE GIRO

A relação evidencia a proporção as vendas realizadas pela entidade e o capital de giro próprio. Ao aplicamos a Cia Refinadora, temos:

Ano	Vendas	Capital de Giro Próprio	Vendas / Capital de Giro
2010	385.236,00	103.125,00	3,74
2009	398.826,00	88.280,00	4,52

O indicador revela que o valor auferido pelas vendas em 2010 é três vezes maior que o capital de giro próprio. É importante frisar a participação do capital de giro tem aumentado, dessa forma a participação do capital de terceiros na operacionalização da Companhia tem reduzido.

9. EBITDA

Diante da globalização dos negócios, da intensa concorrência em um período onde a informação é fundamental, criam-se novos modelos a fim de expressarem com maior clareza a idéia desejada. O EBITDA, lucro operacional corrente ajustado tem o objetivo de evidenciar o resultado auferido por uma entidade a partir da sua atividade operacional, ou seja, aquela diretamente ligada ao seu objeto social. A informação baseia-se na capacidade da empresa em gerar caixa, independente das despesas financeiras, depreciação, amortização; uma vez que não apresentam ligação direta com a sua atividade-fim.(VASCONCELOS,)

Aplicado ao Demonstrativo do Resultado do Exercício publicado pela Cia Refinadora da Amazônia, temos o seguinte resultado:

EBITDA - 2010 / 2009

	2010 Mil \$	2009 Mil \$
RECEITA OPERACIONAL LÍQUIDA	385.236	398.826
Custos dos Produtos vendidos	<u>- 318.072</u>	<u>- 317.554</u>
LUCRO BRUTO	67.164	81.272
 (DESPESAS) RECEITAS OPERACIONAIS		
Despesas com vendas	- 33.754	- 43.934
Despesas administrativas	- 21.001	- 17.112
Outras (despesas) receitas operacionais	<u>755</u>	<u>- 1.174</u>
	- 54.000	- 62.220
 EBITDA/ RESULTADO OPERACIONAL AJUSTADO	13.164	19.052
 Depreciações e amortizações	- 442	- 457
 Receitas Financeiras	2.662	1.980
Despesas Financeiras	- 601	- 377
Variações Cambiais Líquidas	<u>89</u>	<u>- 2.469</u>
RESULTADO FINANCEIRO	2.150	- 866
 RESULTADO ANTES DOS TRIBUTOS SOBRE A RENDA	14.872	17.729
Provisão para Imposto de Renda e Contribuição Social	- 3.851	- 4.540
 LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	11.021	13.189

Ao avaliarmos o Resultado Operacional Ajustado apresentado pela Companhia em 2009 e 2010 observa-se que o desempenho apresentou um declínio. Esse resultado deve-se, principalmente, a redução da receita operacional líquida e ao aumento dos Custos dos produtos vendidos e das despesas administrativas.

10. CONCLUSÃO

Após finalização da Análise baseada nos Demonstrativos publicados pela Companhia Refinadora da Amazônia enfatizamos a qualidade da informação prestada através de suas publicações e o equilíbrio econômico-financeiro satisfatório apresentado, de modo global.

Por meio da análise verificou-se a existência de pontos positivos e relação a condição financeiro-econômica da Companhia, além de alguns pontos que requerem atenção especial pelos seus gestores e podendo ser melhorados, a fim de consolidarem o momento vivenciado pela entidade.

- Pontos fortes:

- O nível de liquidez apresentado pela Companhia, capaz de atender totalmente as suas necessidades.
- A redução progressiva da participação do capital de terceiros sobre os recursos totais. Esta redução reflete diretamente sobre a Garantia de Capitais de terceiros, melhorando a visibilidade da empresa perante seus credores.
- A redução da imobilização do capital próprio, fomentando o crescimento das suas operações a partir do seu capital, independente da interferência de terceiros; o que é muito importante diante da redução da Receita de Vendas registrada no período.
- A solvência da Companhia, em condições de fazer frente a suas obrigações corrente e ainda apresenta uma situação patrimonial e uma expectativa de lucros que garantam a sobrevivência desta no futuro.

- Pontos Fracos:

- A empresa não obteve crescimento nas suas vendas, havendo inalteração da rotação do seu estoque e, inclusive, redução na receita auferida. Em contrapartida houve um acréscimo do custo dos produtos, a combinação destes dois fatores influenciou diretamente na redução do Lucro Líquido do período, o que refletiu diretamente sobre os indicadores de rentabilidade, que apresentaram pequeno decréscimo. Essa queda da capacidade da empresa em gerar caixa fica ainda mais perceptível através do EBITDA, que exclui os resultados não operacionais que minimizaram o decréscimo do período.
- A desproporcionalidade entre os prazos estipulados para recebimento do seus direitos e o prazo assumido para pagamento das obrigações com terceiros, evidenciado por meio do quociente de posicionamento relativo.

Diante dos pontos expostos afirma-se que a Companhia Refinadora do Pará apresentou, no período de 2008 à 2010, um crescimento progressivo da sua liquidez e redução contínua de endividamento, o que contribuiu para o atingimento de um nível de solvência satisfatório. Entretanto, no período também houve o registro de estagnação das vendas e acréscimo no custo dos produtos vendidos. Essa combinação contribuiu diretamente para o desempenho insatisfatório dos indicadores de atividade e rentabilidade. Em consonância a esta situação Silva (2008) discorre, que a piora da Receita Bruta pode ser decorrência da diminuição do preço de venda dos produtos, uma vez que o Custo dos Produtos Vendidos manteve-se em equilíbrio.

Apesar da acentuada queda relacionada às atividades operacionais da Companhia, os recursos auferidos pelas atividades não operacionais em 2010 equilibraram o lucro líquido em comparação a 2009. Contudo, a estagnação das vendas e a

desproporcionalidade dos prazos de pagamento e recebimento poderão conduzi-la a uma situação de desequilíbrio financeiro por um possível comprometimento da sua liquidez.

Portanto, sugere-se que seja realizado estudo de mecanismos a serem utilizados a fim de estimular o crescimento das vendas, e maior controle sobre os custos de produção. Paralelamente, recomenda-se a reavaliação dos prazos assumidos e concedidos para pagamento e recebimento, respectivamente, tornando-os harmônicos entre si.

11. REFERENCIAS

1. Iudícibus, Sergio de. Análise de Balanços. 6ª. Ed. – São Paulo : Atlas, 1995.
2. Marion, José Carlos. Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial. 4ª. Edição – São Paulo : Atlas, 2009.
3. Moreira, Heber Lavor. Um estudo sobre o desequilíbrio econômico-financeiro das empresas
4. Vasconcelos, Yunara Lucia. EBITDA: retrato do desempenho operacional.
5. Silva, José Pereira. Análise Financeira das Empresas. 9ª Edição – São Paulo: Atlas, 2008.
6. Gil, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisas. 4ª Edição – São Paulo: Atlas, 2009.

Apêndice

Anexo